



Negras epistemologias para uma ciência descolonial

Black epistemologies for a decolonial science

Epistemologías negras para una ciencia decolonial

Hélen Rejane Silva Maciel Diogo¹
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Francisco Quintanilha Veras Neto²
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

ALVES, Míriam Cristiane Alves; ALVES, Alcione Correa (orgs.). **Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas**. (Série Pensamento Negro Descolonial). Porto Alegre: Rede UNIDA, 2020

A obra constitui uma grande contribuição ao debate recente em torno dos estudos de(s)coloniais no Brasil, na referência a intelectualidade negra, através da construção de novas metodologias de pesquisa e intervenção. O livro se destaca por compreender o trabalho de pesquisa e de uma ciência que se propõe descolonial, fornecendo pistas e propiciando ferramentas nesse processo. Para além disso, integra o primeiro volume da Série Pensamento Negro Descolonial, da Rede Unida, em formato de ebook, com distribuição gratuita online, afirmando o compromisso com o acesso ao conhecimento. A brilhante apresentação de Deivison Faustino nos leva a um conjunto de ensinamentos mais antigos da tradição africana, de uma cosmologia fundada na relação ética e de continuidade da voz incorporada das tradições africanas e afro-diaspóricas.

¹ Doutoranda em Direito pelo Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Transdisciplinar para uma Sociedade Sustentável/CNPQ. Especialista em Direito Processual Penal (CEI/CERS). Especialista em Ensino da Filosofia (UFPEL). Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena (UNINTER) e Especialista em Enfermagem do Trabalho pela mesma instituição. Bacharela em Enfermagem (UFPEL). Bacharela em Direito (FURG). <https://orcid.org/0000-0001-6893-8060> Endereço eletrônico: helendiogo@hotmail.com.

² Professor Titular do Centro de Ciência Jurídica (CCJ-UFSC). Professor do Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Florianópolis (PPGC-UFSC). Mestre em Direito (UFSC). Doutor Direito (UFPR). Pós-doutor (UFSC). Pesquisador e Coordenador do Grupo de Pesquisa Transdisciplinar para uma Sociedade Sustentável/CNPQ. <https://orcid.org/0000-0002-1620-6017>. Endereço eletrônico: quintaveras@gmail.com.

Inicialmente, no artigo “Escritura, representación y colonialidad. Una hipótesis de trabajo a partir de Fanon”, Alejandro de Oto aborda seu encontro com a obra de Frantz Fanon, na disciplina de História, na Argentina, uma disciplina que foi muito fortemente influenciada pelas correntes do marxismo inglês. Com o aporte de Fanon, o autor problematiza a categoria moderna da representação, evidenciando como essa categoria está alinhada enquanto dispositivo cognitivo da colonialidade que incide em uma certa escritura da história e segue a orientação epistemológica da escritura anticolonial fanoniana.

No segundo artigo do livro, “A teoria literária como jogo”, Alcione Correa Alves discute os lugares de enunciação movimentados na teoria literária e problematiza a categoria moderna de representação. Seu argumento vai ao encontro a obra de Maryse Condé (2020), “Eu, Tituba, bruxa negra de Salém”, quando o autor questiona a agência de sujeitos negros nas tramas do discurso colonial enquanto política e poética do outramento. Rompe com sistematizações simplistas e polarizantes, tensionando inclusive alguns riscos do essencialismo estratégico ao apontar um jogo muito mais complexo e fazendo um uso sofisticado e potente da metáfora do tabuleiro de xadrez.

Em “Colonialidade da Sexualidade: dos conceitos ‘clássicos’ ao pensamento crítico decolonial”, Tatiane Borchardt da Costa e Miriam Cristiane Alves discutem a categoria da sexualidade enquanto conceito e vivência, ao indagar sobre quem seria o humano no conceito clássico de sexualidade, pensado a partir da história moderna de Europa e do corpo branco burguês, seguindo as investigações de Foucault, sobre a história da sexualidade. Apresentam também contribuições teóricas, de Frantz Fanon e Neusa Santos Souza, para o campo da psicologia das relações raciais e dos efeitos do racismo na constituição da subjetividade de pessoas negras.

Já em “As cores do afeto: um ensaio sobre as mulheres negras no contexto das relações afetivas”, Andréa Franco Lima e Silva trata do campo das relações afetivas nas intersecções entre raça e gênero, ao adentrar no tema da solidão da mulher negra. Propõe uma perspectiva sociológica que discuta os fatores sociais reguladores das escolhas afetivas num contexto onde as dinâmicas do racismo e do sexismo estruturam um complexo



de percepções, sentidos e experiências das pessoas negras, especialmente as mulheres, como na sociedade brasileira, um aspecto já apontado por Lélia Gonzalez (2020).

O encontro das escrituras negras com os debates teóricos mais recentes da antropologia podem ser visto em “Potências Auto-Antropológicas de uma estudante negra sobre teorias antropológicas contemporâneas”, de Aline de Moura Rodrigues. Apresenta um tensionamento da teoria antropológica em torno das múltiplas ontologias, da invenção da cultura e dos limites da auto-etnografia com a questão da autoria negra, o tornar-se sujeito da escrita, do conhecimento, e sair do lugar de objeto, do negro tema. Com isso, a autora está alinhada com as discussões trazidas por autoras como Grada Kilomba (2019), que questiona o silenciamento de vozes negras na academia.

Ao propor um olhar descolonial, a análise de Marina Temper, Míriam Cristiane Alves e Károl Veiga Cabral incorporam as contribuições teóricas de Anibal Quijano, sobre a colonialidade, e problematizam a hierarquização de corpos e a produção racializada do espaço no contexto da saúde coletiva. “Escrituras sobre cuidado ao usuário de álcool e outras drogas: diálogos entre redução de danos e pensamento descolonial” discute as práticas de cuidado em saúde mental do usuário de álcool e outras drogas, considerando vivências e experiências realizadas no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS-AD), em um serviço de Redução de Danos, e na atenção básica com equipes multiprofissionais de uma Unidade Básica de Saúde (UBS).

De forma poética e com uma narrativa sobre as práticas de mulheres que auxiliam outras mulheres no ápice da gestação, Mirian Teresa de Sá Leitão Martins, no texto “A arte de trazer a vida pelas mãos”, apresenta o fazer das mulheres-parteiras, os quais não se restringe apenas ao fazer do parto, mas a uma prática de conexão profunda com o cosmo, com as rezas, com as dores e alegrias, que envolvem a arte de partejar. Evidencia o protagonismo, falas e trajetórias de mulheres que estão envolvidas no processo do parto, a partir das memórias, ancestralidade, vivências, práticas curativas e da trajetória da autora.

Dyana Helena de Souza, em “Diálogo com bell hooks: reorientação da formação em saúde a partir da perspectiva negra decolonial”, centra o seu trabalho numa leitura da obra *Ensinando a transgredir*, da mesma autora referenciada no título, de modo a contribuir com a formação em saúde, sob a ótica negra decolonial. Sua escrita encontra amparo nas

contribuições de Nilma Lino Gomes, a qual aponta como a colonialidade opera na produção dos currículos. Dentro desta lógica, os currículos passam a ser objetos, urgentes, de um processo de descolonização, que proceda e funde-se na vigência de práticas democráticas e lutas antirracistas.

Na produção cultural, o *slam* é abordado como espaços de escrevivências, de afeto e de amor. Em “Abaixa a guarda e abre o peito: o resgate físico, cognitivo e subjetivo do sujeito negro no Slam Chamego”, Fernanda Maiato, Maíne Alves e Rafael Barcellos demarcam a importância da arte como um espaço para as pessoas negras falarem de amor e afetividade e, sobretudo, entendendo seus corpos transpassados por dores e violências. O *slam* é um território de afirmação da identidade negra, como símbolo de resistência e emancipação. As características desse movimento encontram suporte no *rap* brasileiro e no movimento de batalhas de rima que tende a priorizar a liberdade, para além do dizer, entendendo, inclusive, o silêncio nas rodas de *slam* como um momento de conexão, de prece.

Os processos educativos e ancestrais sempre foram muito presentes, sendo a sua concepção anterior à colonização, tal nos argumentam Jefferson Olivatto da Silva, Márcia Denise de Lima Dias e Thais Rodrigues dos Santos, em “Contribuições à reflexão afrocêntrica: aprendizagens matriciais em processos de longa duração”. O silêncio, ainda que presente na educação, não impossibilita a criação de elos, sinergias e humanidades no reconhecimento do outro e da diferença. A partir dessa perspectiva, os autores contrapõem as contribuições dos saberes comunitários de matriz africana para pensar em processos de longa duração na construção de aprendizados orientados pelo cuidado da coletividade.

Para terminar, Rutte Tavares Cardoso de Andrade, no texto “Urbanização e resistência na África contemporânea: itinerários da ocupação urbana e a colonização em Cabo Verde”, demonstra como a expansão urbana é um problema que acentua a segregação e hierarquização social e espacial. O texto nos faz novamente confrontar as fronteiras erguidas pelo mundo colonial, ao trazer a questão da dominação colonial e analisar a urbanização em Cabo Verde, uma vez que as elites desfrutavam de áreas bem organizadas e com infraestrutura, enquanto que os escravizados viviam em espaços periféricos e isolados



de proteção, dignidade e conforto.

A obra materializa uma produção intelectual negra, viva, potente, de modo a (re)direcionar o pensamento acadêmico a romper com as raízes hegemônicas que historicamente intimidaram, perturbaram, interromperam e invalidaram as falas e todo o pensamento negro. Isto posto, afirmamos que esse livro, pelo exímio e denso material de estudos que conectam saberes e aprendizados, constitui um arcabouço teórico de profundo enriquecimento no campo do diálogo com diferentes disciplinas das humanidades e da saúde, posto a pavimentar e solidificar reflexões que versem sobre epistemologias e metodologias negras descoloniais.

É preciso salientar que tais epistemologias não trabalham com os binarismos excludentes e os maniqueísmos fáceis que tanto marcam o pensamento colonial. O livro nos lembra que a entoada da escrita está atravessada com os múltiplos caminhos das memórias negras nas encruzilhadas de saberes e culturas (MARTINS, 2021; GILROY, 2012).

Por fim, este livro trabalha metodologias e orientações nos modos de pensar e fazer pesquisas que inspirem experiências de transformação social em uma práxis antirracista e descolonial de fazer ciência.

Referências

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba, bruxa negra de Salém**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: Modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora34, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano** (organização de Flávia Rios e Márcia Lima). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.